

## O MITO DO BOM SELVAGEM E A PERSPECTIVA DE CONSTRUÇÃO DE UMA LITERATURA DE CARÁTER NACIONAL

Jesuíno Aparecido Andrade

José de Alencar nasceu no estado do Ceará, na cidade de Mecejana, em 1º de Maio de 1829, filho de José Martiniano de Alencar e de Ana Josefina de Alencar. Ainda criança, Alencar mudara com a família para o Rio de Janeiro já que seu pai era um ilustre senador do império, nesta cidade, estudou no Colégio Pedro II onde bacharelou - se em Letras, sendo que, posteriormente, cursou direito nas Faculdades de São Paulo e Olinda. Contudo, exerceu pouco a profissão que seu pai escolhera para si, preferiu dedicar-se à literatura e ao jornalismo; ao mesmo tempo em que trabalhava nos escritórios de advocacia Alencar colaborava com os jornais cariocas escrevendo artigos e folhetins, a principio no Jornal do Comércio e em seguida no Diário do Rio de Janeiro, nesse último ele tornou - se redator - chefe e recebeu reconhecimento literário ao escrever as Cartas sobre a Confederação dos Tamoios.

Segundo relato do próprio autor, seu primeiro romance foi “Os contrabandistas” escrito em 1847 na época em que o mesmo era estudante de Direito, mas o livro nunca fora publicado, o que consta é que um colega de república o teria queimado para fazer charutos enquanto encontrava - se embriagado. Sua estréia oficial na literatura deu - se em 1856 com a publicação de “A viuvinha” e logo depois “Cinco minutos” (1857), o sucesso o consagrou a partir da publicação dos romances “Iracema” e “O Guarani”, clássicos da literatura nacional que ao lado de “Ubirajara” são hoje classificados como indianistas.

José de Alencar é considerado um dos maiores romancistas da literatura brasileira, o maior destaque da prosa do período do Romantismo, um autor preocupado em mostrar a vasta

cultura brasileira do seu tempo; escreveu sobre vários temas com o intuito de buscar uma identidade nacional, retratou desde o indígena ao sertanejo das regiões mais afastadas, passando pelo Rio de Janeiro a capital do império onde descreveu os costumes da sociedade burguesa da época, o que pode ser visto em romances como “Lucíola” (1862), “Diva” (1864) e “Senhora” (1875).

De acordo a temática, a obra de Alencar costuma ser classificada pela crítica em romances indianistas (Iracema, O Guarani e o Ubirajara); romances urbanos ou de costumes (Senhora, Lucíola, Diva, Cinco Minutos, A Viuvinha, Sonhos d’ouro e Encarnação); romances históricos (A Guerra dos Mascates e As Minas de Prata); romances regionalistas (O Sertanejo e o Gaúcho) e romances rurais (Til e O Tronco do Ipê), estes últimos muitos estudiosos preferem classificá-los como regionalistas já que possuem traços marcantes de cultura regional, mas aqui preferi colocá-los na categoria rural pois retratam ambientes de fazendas, no primeiro uma fazenda de café no interior de São Paulo e no segundo a fazenda Nossa Senhora do Boqueirão próxima do rio Parnaíba, interior do Rio de Janeiro.

Os romances indianistas foram os que mais deram notoriedade a José de Alencar, refletem o nacionalismo e a exaltação da natureza pátria; nos romances de costume o autor retrata a sociedade carioca do século XIX, aponta pontos negativos da vida urbana e dos costumes burgueses. As histórias contadas nesses romances giram em torno de intrigas de amor e desigualdades econômicas, mas todas com final feliz, onde o amor sempre vence. Nos romances históricos, Alencar recorre a fatos ocorridos no período colonial, em As Minas de Prata, a procura de metais preciosos é retratada e em A Guerra dos Mascates o fato descrito é a briga entre os olindenses e recifenses. Nos romances regionalistas, o escritor se preocupa em mostrar duas paisagens brasileiras díspares: O sertão nordestino (O Sertanejo) e os Pampas Gaúchos (O Gaúcho).

Além dos romances, José de Alencar também escreveu peças teatrais, cartas, crônicas, alfarrábios (O Ermitão da Glória e o Garatuja) e uma autobiografia. Exerceu ainda cargos políticos no 2º império, foi deputado em várias legislaturas e ocupou o cargo de ministro da justiça no reinado de D. Pedro II, o grande sonho político de Alencar era tornar - se senador, cargo que não conseguiu exercer devido às divergências políticas com o imperador; desgostoso e deprimido o escritor viajou para a Europa para tratar - se de uma Tuberculose, retornou ao Rio de Janeiro já muito debilitado, morreu em 12 de Dezembro de 1877, deixando uma enorme contribuição para a literatura brasileira.

Nesta análise, farei uma reflexão à cerca do romance Iracema o qual classifica - se como prosa lírica e mostra como ocorreu o contato entre o homem branco e o indígena na região que atualmente é o estado do Ceará; aliás, este livro, em muitas edições das mais de cem já feitas até hoje recebeu o subtítulo de “Lenda de fundação do Ceará”. O romance tem como protagonistas Martim e a índia tabajara Iracema, durante uma caçada o português que era amigo da tribo dos Pitiguaras se perde dos companheiros e depois de andar três dias pela mata sem rumo encontra a índia que assustada por ver um desconhecido o fere com uma flecha no rosto, no entanto, como o branco não reagira houve uma aproximação entre os dois e a índia o convidou para ir até sua tribo e lá ofereceu-lhe hospitalidade e proteção. Martim foi recebido na aldeia por Araquém pai de Iracema e pajé da tribo, nesta noite, os Tabajaras recepcionavam o grande chefe Irapuã que chegara para comandar a guerra contra os inimigos Pitiguaras, este logo de início foi contra a permanência do estrangeiro na tribo mas o branco só pôde ficar devido a proteção de Araquém que o colocou em sua tenda e ofereceu - lhe as mulheres mais lindas da tribo. O jovem guerreiro estranhou que entre as mulheres não estivesse Iracema a que lhe despertou maior interesse, porém, a índia explicou - lhe que não poderia servi-lo, pois era a única que conhecia o segredo da bebida oferecida ao pajé e devia prepará-la.

Durante a noite, Martim aproveitando a escuridão sai pela mata errante e tenta fugir, Iracema o encontra já distante e pergunta-lhe se alguém lhe fez mal na tribo, acusa-o de ingrato e consegue convence-lo a retornar a aldeia com a promessa de que seu irmão Caubi voltaria no dia seguinte da caçada e o levaria de volta as terras Pitiguaras, o português concorda e volta à tribo tabajara ao lado de Iracema.

No dia seguinte, incitados por Irapuã, os Tabajaras preparam-se para a guerra contra os inimigos Pitiguaras por estes estarem permitindo a entrada de estrangeiros nas matas. Iracema leva Martim para passear e como este demonstrava estar triste a índia pergunta-lhe se é saudade da noiva, o português diz que não, Iracema oferece-lhe uma bebida dizendo que esta o faria entrar em êxtase e ver a amada, Martim a bebe e ao perder a consciência sonha com Iracema, abraça-a e os dois beijam-se. Quando Iracema ia se afastando do local apareceu o cacique Irapuã declarando-lhe seu amor, a índia recusa e o chefe tabajara ameaça então matar o branco Martim, Iracema defende-o, Irapuã se afasta dizendo-se apaixonado pela filha de Araquém, mas a esta altura ela estava apaixonada mesmo era por Martim. Na manhã seguinte, Martim deixou Iracema triste ao anunciar-lhe que voltaria logo para sua terra, a índia disse-lhe que eles nunca poderiam ficar juntos já que ela sendo filha do pajé guardava o segredo da Jurema e o homem que a possuísse morreria Sabendo dessa impossibilidade, Martim despede de Iracema e vai embora protegido por Caubi, durante a viagem pela mata Irapuã acompanhado de cem guerreiros cerca os andarilhos e ameaça matar Martim, o irmão de Iracema o defende, antes da luta começar ouve-se o som da guerra dos Pitiguaras e os índios então correm para defender suas terras da tribo inimiga. Somente Martim e Iracema permaneceram imóveis no local. Como os Pitiguaras não foram encontrados na mata Irapuã achou que o som tinha sido emitido por Iracema para enganar-lo, mais tarde foi à cabana de Araquém tirar satisfações, o velho pajé, no entanto, protegeu o estrangeiro e ameaçou lutar contra o cacique; para afastar o irado chefe este provocou o ronco do

trovão que os índios acreditavam ser a voz do deus Tupã reprovando uma atitude deles, Irapuã se afastou, e, logo em seguida, ouviu-se da cabana do pajé o grito semelhante ao da gaivota, Iracema o identificou como sendo o sinal da invasão pitiguara, Martim entendeu que era seu amigo Poti que veio resgatar-lhe e decide ir embora para evitar o conflito. Do interior da cabana Martim e Iracema ouviram a voz de Poti dizendo que viera sozinho somente buscar seu irmão branco

Em um outro momento, enquanto os Tabajaras estavam reunidos junto ao pajé oferecendo-lhe oferenda, Iracema retira Martim da tribo e o leva até Poti. Quando o português pede a índia para retornar a seu povo esta diz que não pode mais, pois já é sua esposa, surpreende-o ao dizer que os sonhos que o mesmo teve com ela na tribo provocados pela bebida foram verdadeiros. Ao escurecer, Martim e Iracema dormem na rede, Poti permanece nas proximidades para protegê-los. Ao amanhecer Poti alerta Martim de que os Tabajaras estavam chegando para atacá-los, Irapuã e seus comandados chegam ao local em que estavam os fugitivos e os cerca, ocorreu que os Pitiguaras comandados por Jacaúna também chegaram ao local e o combate entre as duas tribos se iniciou de forma violenta, durante a luta Caubi irmão de Iracema morre. Poti consegue salvar seu irmão branco Martim, os Pitiguaras vencem e Iracema chora ao ver seus irmãos de tribo mortos, Irapuã e alguns poucos guerreiros escapam com vida e fogem de volta as terras tabajaras.

Na nova rotina, Poti, Martim e Iracema, construíram nova cabana, enquanto os homens caçavam a índia colhia frutos. Iracema grávida aguardava feliz o nascimento do filho. Martim foi introduzido na tribo Pitiguara com o nome de Coatiabo. Um certo dia chegou ao local onde os três viviam um mensageiro de Jacaúna convocando Poti para a guerra, Martim decidiu também ir e os dois partiram para a guerra sem se despedir de Iracema, deixando apenas um sinal. Enquanto Martim estava na guerra Iracema teve sozinha o filho, a índia o chamou de Moacir por ser “o filho do seu sofrimento”. De tanto chorar pela ausência do esposo Iracema ficou fraca e mal

conseguia alimentar-se e amamentar o filho; quando o português retorna da guerra vitorioso ao lado de seu amigo Poti encontra a “virgem dos lábios de mel” já fraca e debilitada e a mesma morre em seus braços tendo tempo apenas de entregar-lhe o filho. O último pedido da índia foi para que o esposo a enterrasse junto ao coqueiro que ela tanto gostava. Segundo a lenda, esse lugar passou a chamar-se Ceará e deu origem ao estado da região nordeste.

Triste com a morte da amada, Martim retornou para sua terra levando consigo o filho, foi ele o responsável por introduzir a fé cristã no Ceará e quem ajudou Jerônimo de Albuquerque a vencer os Tupinambás e consolidar a ocupação portuguesa sobre a região.

Iracema sendo um dos romances indianistas de Alencar tem como propósito exaltar a natureza, a pátria e colocar o índio como um herói nacional. É a representação fiel do mito do bom selvagem de Rousseau. A visão alencariana do indígena vista no romance é de que o “bom índio” deve ter orientação religiosa católica e ainda ser o representante do homem nacional, o modelo de brasileiro autêntico. Para o escritor, o brasileiro é resultado da miscigenação entre o branco europeu e o nativo, o filho de Iracema e Martim, Moacir, é o modelo de homem nacional para Alencar. É importante salientar que o ideário romântico de nacionalidade não compreendia o negro, os africanos e afrodescendentes eram considerados a mais baixa classe social, portanto, indignos de louvores e exaltação por parte dos escritores românticos. Nos romances indianistas Alencar segue a risca esta mentalidade, os negros jamais aparecem, nem mesmo como escravos.

O gênero indianismo deu a Alencar muita popularidade, além de refletir o nacionalismo e a natureza pátria o escritor revela também uma preocupação histórica. Em Iracema (romance baseado em uma lenda sobre a formação do Ceará), Alencar mostra o nativo brasileiro – no caso a índia – em seu primeiro contato com o branco colonizador. Nota-se que a nativa é “mansa”, não é hostil com o estrangeiro. Alencar idealiza, mostra que a relação de povos que formou o brasileiro ocorreu de forma pacífica. Historicamente sabemos que não foi assim que essa relação

se deu. Cabe aqui, neste momento, fazer uma analogia com os outros dois romances do mesmo gênero deste autor. Em *O Guarani*, o índio é mostrado individualizado na figura do personagem Peri, aparece já civilizado em contato com os homens brancos, é batizado (sem o batismo cristão o índio não era reconhecido como ser humano e não era confiável) para salvar Cecília das invasões dos Aimorés. No romance *Ubirajara*, o índio é visto no seu estado mais puro, valente, conquistador e herói.

No romance *Iracema* o gênero literário predominante é o épico, embora este estilo predomine o texto apresenta também aspectos líricos, deve levar-se em conta a poesia de sua linguagem, marcada pelo ritmo e sonoridade. A linguagem poética faz com o leitor possa imaginar as belezas e as paisagens da natureza exótica. Segundo Marques Filho<sup>1</sup> “a técnica narrativa utilizada é a terceira pessoa, o narrador é onisciente, sabe tudo que se passa ao seu redor”; ainda de acordo esse mesmo autor o romance pode ser dividido em três partes: A primeira mostra o encontro entre Iracema e Martim e o incontrolável amor que surge entre os dois; na segunda parte há a narração da fuga da índia que abandona o lar, a família e a tribo para viver ao lado do homem branco numa cabana distante, lá a personagem vive o período da gravidez e o nascimento do filho, por fim a terceira parte relata o sofrimento de Iracema por saber que Martim não é feliz ao seu lado, essa parte tem como ponto culminante a morte da índia ao lado do amado que acabara de voltar da guerra e do coqueiro que ela tanto gostava.

Composto de trinta e três capítulos, o romance *Iracema* tem sua ação desenvolvida na região que hoje é o estado do Ceará em meados do século XVII, apóia - se em fatos históricos verdadeiros, Martim o protagonista masculino da história, é, segundo historiadores, Martim Soares Moreno, um português que atuou na conquista da região, sua amizade com os chefes indígenas Poti e Jacaúna foi decisiva para a conquista de todo o litoral que viria ser o Ceará.

---

<sup>1</sup> MARQUES FILHO, Teotônio. *Iracema*. Disponível em: [www.portrasdasletras.com.br](http://www.portrasdasletras.com.br) acesso em: 18/12/2005

No século XIX havia no Brasil uma discussão acirrada a respeito da literatura que deveria ser desenvolvida no país, uns achavam que os escritores tinham que seguir o modelo e os padrões de Portugal, outros, entretanto, viam a literatura como um meio de valorizar os interesses nacionais. Era preciso resgatar a memória do país, mas contar o quê? Que passado o país tinha para ser exaltado? Os escritores nacionalistas (dentre eles Alencar) perceberam que o indianismo seria a maneira mais autêntica de buscar essa identidade nacional, daí o fato do indígena ser mostrado como herói. Tudo indica que Alencar ao escrever *Iracema* se inspirou na obra “*Atala e René*” do escritor francês Chateaubriand publicado em 1801, esse romance relata a história de um naufrago europeu que se apaixona por uma índia do Mississipi, região da América do Norte.

No epílogo do livro *Iracema* José de Alencar confessa a intenção de escrever um texto nacionalista, seria um poema, mas segundo o próprio escritor este seria longo e difícil para compreensão do leitor, daí a sua opção pelo romance; talvez nesse fato encontra-se a resposta do porquê da narrativa ser carregada de tanto lirismo. *Iracema* é, portanto, um poema em prosa.

Fazendo uma relação análoga entre os três romances indianistas de José de Alencar, percebe-se que o autor pretende executar uma pesquisa da identidade nacional, um resgate da história dos indígenas, os primeiros habitantes da nação. Em *Iracema*, o tema é o processo de colonização, o amor sublime entre a índia e o português Martim que gera Moacir (filho do sofrimento) que, simbolicamente representa todo o povo brasileiro. Em *Ubirajara*, Alencar busca um passado remoto, antes da chegada do homem branco, a intenção do autor nesse livro é descrever as terras brasileiras no tempo em que estas eram habitadas apenas pelos índios, nesse romance o índio é mostrado puro sem o contato com o branco. No romance *O Guarani*, o índio é mostrado já aculturado e dominado pelo europeu, Peri é figura do bom selvagem, o herói que protege os brancos.

Em suma, os romances indianistas de Alencar (Iracema, O Guarani e Ubirajara) refletem o nacionalismo presente na literatura brasileira do século XIX, são também fruto do mito do bom selvagem e da perspectiva de construção de uma identidade nacional. Os personagens principais desses romances revelam todo o ideário indianista do escritor cearense. Vejamos: Iracema é descrita como “a virgem dos lábios de mel”, seu nome é um anagrama, isto é, as letras transpostas formam a palavra América, tinha características físicas de natureza selvagem, mas moralmente era amorosa, sensível, companheira e submissa. Renunciou seu povo para viver um grande amor ao lado do estrangeiro Martim, representa bem o elemento indígena que se casa com o branco para formar a nova raça: A brasileira. Martim, guerreiro branco, representa o colonizador europeu que se impôs aos índios na colonização do país. Peri, de O Guarani representa o indígena na relação “recíproca” com o colonizador, a adoração do jovem índio por Ceci demonstra que o indígena na visão de Alencar sentia - se submisso. Em Ubirajara, o protagonista é o jovem índio Araguaia que mais uma vez simboliza o bom selvagem, relaciona-se com o branco sem contudo aculturar-se , é visto no estado “natural” sem a contaminação da cultura européia.

Depois de toda reflexão feita à cerca dos romances indianistas de Alencar, cabe - nos afirmar que, tanto em Iracema como nos demais, a preocupação do romancista foi retratar o mito do bom selvagem e trabalhar com a perspectiva de construção de uma literatura que tivesse uma identidade nacional, ou seja, uma literatura brasileira. Para finalizar, basta citar a definição que Machado de Assis deu ao escritor devido a sua preocupação em fazer uma literatura de características nacionais: “O mais brasileiro dos romancistas de seu tempo.”

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

ALENCAR, José de. *Iracema*. São Paulo: Publifolha (Ediouro), 1997.

ALENCAR, José de. *O Guarani*. São Paulo: Ática, 2001.

\_\_\_\_\_. *Ubirajara*. São Paulo: Ática, 2001.

BOSI, Alfredo. *Historia concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cutrix, 1994.

COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. São Paulo: Global editora, 2004.

MARQUES FILHO, Teotônio. *Iracema*. Disponível em: [www.portrasdasletras.com.br](http://www.portrasdasletras.com.br) Acesso em: 18/12/2005